

Abrimos os microfones para o último minúrio absoluta, foram sete meses, pelos estúdios da TSF passaram novos jovens com muito para contar, debater e refletir, deram voz aos anseios de uma geração, uma geração que muitas vezes não tem palco para expor suas ideias.

Ora, para terminar, é com chave de ouro, com o médico socialista Israel Parodia e também com a bloquista festivaleira Maria Escaja e para o último episódio vamos olhar para o presente, mas também para o futuro e ainda para o conflito no Médio Oriente, mas começando pelo que se passa por cá e começando pelo Israel Parodia, o risco de pobreza tem subido, os jovens são até dos mais vulneráveis, têm salários bastante baixos, saem da casa dos pais aos 35 anos, para onde é que caminhamos.

Bem, antes de mais, olá Francisco, olá Maria, mais uma vez é um ouro estar aqui debater e tenho pena que seja a última vez, mas de certeza que será o final de uma etapa e o início da próxima, que será muito mais animadora com certeza para todos.

Portanto, relativamente ao risco de pobreza e para contextualizar um pouco os nossos ouvintes, foi lançada esta semana a estratégia nacional de combate à pobreza até 2025, quando pós próximos dois anos, e saíram também alguns dados, os quais tu já referiste a alguns sobre a pobreza que existe no nosso país, de facto 1,7 milhões de pessoas no nosso país estão no limiar de pobreza e se não existissem apoios sociais, seria quase o dobro dessa população.

Portanto, é importante nós refletirmos um pouco sobre a pobreza que existe no nosso país, mas também a diferença que estes apoios sociais fazem nas pessoas e na vida das pessoas e na economia no geral.

E a pobreza é um assunto que deve ser debatido não apenas como nós estamos a tentar melhorar as condições de um grupo pequeno, que não é assim tão pequeno como nós já vimos de pessoas, mas que tentamos melhorar as condições de todos nós, porque se existir menos pobreza no nosso país, a economia também vai desenvolver mais e todos nós saímos a ganhar.

Portanto, é importante nós deixarmos de pensar na pobreza como proteger os coitadinhos que não querem trabalhar, que isso não é verdade, porque aliás 10% dos trabalhadores, alas, 12% ainda mais do que um décimo dos trabalhadores estão a eliminar de pobreza, o que significa que neste país...

E o limiar de pobreza, ou seja, as pessoas a eliminar de pobreza até têm subido ao longo do tempo...

Exatamente, exatamente.

Atualmente encontra-se nos 551 euros por mês, o que significa que uma pessoa a trabalhar não é sinónimo de sair da pobreza no nosso país, e isso é grave, e é necessário nós continuarmos a refletir sobre isso.

Mas para nós eliminarmos esta pobreza, é necessário nós colocámos aqui dois conceitos, que é o conceito da igualdade e o conceito da meritocracia, porque muitas vezes as pessoas falam que, ah, eles são pobres porque não querem trabalhar ou não se esforçam, e não têm mérito, e como não tiveram mérito, não estenderem-nos socialmente, há muitas vezes esse discurso.

Mas a meritocracia, na verdade, é muito ilusória, e para ilustrar, dou-vos um exemplo de uma história que aconteceu na Colômbia, em que dois gêmeos iguais, dois gêmeos monosingóticos

com a mesma genética, foram separados à nascença na Colômbia, e ao ser não separados à nascença,

o que é que nós vimos?

Vimos que um par de gêmeos foi criado uma família nos centros urbanos, na classe média, enquanto que o outro par de gêmeos foi criado numa imagem mais rural, periférico, classe baixa, numa habitação, com pouco acesso a eletricidade e sem condições de saneamento.

O que é que verificamos?

Que dois pares de pessoas com as mesmas condições genéticas, enquanto numa rural, os gêmeos só acabaram por fazer só cinco anos de escola, porque tinham que andar um quilómetro até ir à escola, e depois ficaram-se ao trabalho agrícola, sem informação, sem qualificação.

No outro lado, no centro da cidade, gêmeos com as mesmas características genéticas, foram criados numa classe média, tiveram o acesso à minha educação, foram para a universidade, não formou-se na área da gestão, ou na área da engenharia, e acabaram por entrar num bom emprego, com um bom salário, e perpetuou-se a classe média, enquanto o outro lado perpetuou-se a ciclo da pobreza.

Isto é prova, que muitas vezes não depende um pouco da nossa genética e da nossa capacidade intrínseca de atravessar os problemas, depende-se de um meio que nos envolve, e por isso é que é importante haver condições, e custar dessas condições para que estas pessoas saiem de pobreza, e da importância do estado social.

E o estado social, nós podemos ir um pouco à história e ver o impacto que o estado social teve no nosso país.

Se nós falarmos na educação, antes e pós 25 de abril, existe uma diferença brutal.

O nível de analfabetismo diminui imenso, antes do 25 de abril, um em cada cinco homens da analfabeta, nas mulheres, uma em cada três da analfabeta, o nível de qualificação aumentou brutalmente, e também os rendimentos e consequentemente as condições de vida das pessoas.

A saúde é a mesma coisa.

O nosso CNS é a prova viva do estado social e interventivo na saúde, que encarar a saúde não como um bem comercial, mas como um direito.

E se nós compararmos um país que não tem um acesso a um saúde público e tem uma saúde privada, como o caso dos Estados Unidos, e que tem 25% do PIB mundial e investe o dobro daquilo que Portugal investe na saúde, em termos acessamentais, ou seja, eles investem 20% de 25% do PIB mundial, enquanto nós só investimos 10% do nosso pequeno orçamento, comparado com os Estados Unidos.

Se nós compararmos os indicadores de saúde como a esperança média de vida, Portugal tem a mesma esperança média, aliás, a mortalidade infantil, Portugal tem mesmo a mortalidade infantil do que os Estados Unidos, e se falamos de mortalidade materna, Portugal acaba por ter uma melhor mortalidade materna do que os próprios Estados Unidos.

E isto é a diferença que faz um sistema público de um sistema privado, e é muito importante as pessoas terem noção do que representa um estado social.

No entanto, este estado social acaba por não chegar a todos, abril, não chegou a todos, e é desses grupos mais vulneráveis que nós aqui temos que falar e debater sobre isso.

Por falar em grupos vulneráveis, desde logo, os mais jovens, que são a geração mais qualificada de sempre, como diz muitas vezes o governo socialista de António Costa, mas

não é a geração mais realizada, o que te pergunto, Maria Escaja, é se há espaço para que esses jovens, nossa geração, no caso, consiga realizar-se em Portugal? No primeiro lugar, vou-te perguntar se este governo socialista, porque o partido que está no governo tem socialista no nome, única e apenas, unicamente e apenas, porque este governo socialista tem muito pouco, este governo está a governar num centro que muitas vezes pende para a direita.

Sobre o futuro dos jovens em Portugal, acho que há algumas coisas que estão neste momento de impedir essa realização e essa possibilidade de sermos, efetivamente, não só a geração mais qualificada de sempre, mas como podemos viver uma vida boa partindo dessa premissa. Os jovens qualificados, como tal como os mais qualificados de sempre, como o Primeiro Ministro gosta de dizer, merecem que a economia seja também uma economia qualificada e não baseada em mão da obra barata e em muitos trabalhos sazonais no turismo.

Além disso, além da falta de perspetivas de trabalho, além das regras do trabalho serem cada vez piores, as perspetivas de carreira cada vez menores e o salário mínimo, a ideia de que se vai ganhar o salário mínimo durante muitos anos e eu agora fazendo aqui personalizando um bocadinho, eu fiz 30 anos agora e tenho vários amigos que trabalham há 8, 9, 10 anos e que ganham muito pouco e que não têm quaisquer progressões nas suas carreiras e isso são tudo coisas que impedem que a perspetiva de futuro seja risonha, além disto, junta-se o problema da habitação em que muitos jovens não conseguem ser de casa ou saindo de casa têm que dividir durante muitos anos e eu acho que para uma pessoa iniciar a sua, ou seja, obviamente não para iniciar a sua vida profissional, mas para iniciar a sua vida verdadeiramente

adulta um passo importante é conseguir sair de casa, é conseguir com o seu salário pagar uma renda de uma casa e não de um quarto com 7 metros quadrados, numa casa com mais 7 pessoas.

Deberia haver um apoio à primeira habitação como defesa em alguns partidos.

Eu acho que a não temos numa altura de se fazer apoio à, eu acho que tem que haver uma mudança estrutural ou então vamos sempre andar a fazer pequenos pensos rápidos e nunca vamos sair daqui e vai sempre haver o impedimento, esta economia não está para nós e acho muito engraçado e muito curioso que o governo nos atira as ideias do IRS jovem quando a maior parte dos jovens não ganha mais de mil euros, ou seja, o que se poupa com este projeto do IRS jovem, não resolve os problemas estruturais que põem em causa a nossa qualidade de vida e nossa realização e eu pergunto-me, para quem é que são estas medidas, se estas medidas estão, as tantas ideias que me dá, é que estas medidas estão a ser pensadas a imagem dos filhos de quem está no governo e dos seus amigos que fazem obviamente parte do milito privilegiada e que tem uma facilidade, que tem uma facilidade muito maior de começar a sua vida e contra mim não, também sobre mim falo, eu venho privilégio e tive muito mais facilidade em começar a minha vida adulta do que muitas outras pessoas que eu conheço ou que eu me dou ou que não conheço, a realidade é que é muito difícil iniciar-me a vida a semear-se do que fizeram os nossos pais ou os nossos avós, numa altura em que a taxa de esforço para pagar uma casa não era metade de um salário ou mais de metade e acho que não é com programas de apoio, isto é aquilo que vamos conseguir resolver os problemas da nossa geração.

Israel, falaste a pouco da estratégia nacional de combate à pobreza, participaste também

nessa estratégia, fala-nos um pouco sobre essa tua participação.

Sim, te convidaram de ter essa honra para o evento de apresentação e tive a oportunidade de dar algumas ideias também às ministras que, a amizade de trabalho, principalmente que lá estava.

E é bom que o governo peça também esses contributos.

Sim, sem dúvida, eu acho que este governo, sendo o Partido Socialista, eu acho que tem também feito muito trabalho que orgulha o socialismo no geral.

Socialismo, Maria Escada.

Eu ouvi, eu ouvi, eu estou ouvindo.

Uma dessas medidas foi precisamente para além do aumento da oferta, como a Maria Escada estava a dizer, um dos grandes problemas, é essa falta de habitação acessível e uma das grandes medidas para além do apoio à renda.

Nós sabemos que é uma boa medida, embora pegue por escassa.

Foi também a proposta de aumento de construções de residências universitárias, porque hoje em dia o grande entravo dos estudantes universitários para além da propina é também o próprio alojamento estudantil, porque um aluno que seja deslocado e que vá, por exemplo, para Lisboa nunca irá conseguir pagar um quarto a 500 a 170 euros, porque será impossível para a grande parte da população e, portanto, é necessário nós intervirmos nesse aspecto e o Estado Social não tem intervindo na área da habitação e isso é um grave problema que está a notar agora.

E, como eu estava a dizer anteriormente, existem alguns grupos que são mais vulneráveis. Existe um dado que saiu no boletim económico de maio do Banco de Portugal em 2022, que diz que apenas 10% dos filhos de famílias pobres e com a qualificação até o ano-no- ano é que conseguem ingressar no ensino superior.

Nós somos o país em que a situação financeira da nossa família tem mais impacto depois no percurso escolar dos jovens da OECD, apenas ultrapassados pela Itália.

E pais pôs terem uma ideia, comparando com, por exemplo, a Finlândia, um filho do finlandês de uma família pobre até o ano-no- ano tem mais hipótese de chegar no ensino superior do que um filho de uma família rica em Portugal.

Isto é a diferença que este Estado Social na área da habitação faz e só pais pôs também perceber um pouco estes grupos mais vulneráveis, o que acontece é que estes 10% quando nós começamos a falar de comunidades que são segregadas e que são marginalizadas pela sociedade, como por exemplo a comunidade afrodescendente, de 10% passa para 4% os jovens que conseguem ingressar no ensino superior.

E quando falamos, por exemplo, das comunidades higanas, de 4% passa para 2,5% os que não conseguem entrar no ensino superior mas sim no ensino secundário, ou seja, apenas 2,5 que conseguem entrar no ensino secundário, no ensino superior será muito menos.

E é importante nós analisarmos estes dados e refletimos que sim, de facto, existem grupos que são mais vulneráveis e é importante estes terem medidas também personalizadas estes grupos.

Já que falas nisso, este ano, curiosamente, pela primeira vez, no acesso ao ensino superior houve cotas para os mais carenciados, foi um projeto piloto do governo, não é certo, mas teve a adesão de praticamente todas as universidades do país.

E faço a primeira pergunta à Maria Escada, pergunte-se, é uma boa solução este regime

de cotas, como falava há pouco o Israel.

É, e o bloco defende este regime, mas com a salvaguarda deste regime de cotas não demitir a Escola Pública de ultrapassar as diferenças, de permitir que os alunos ultrapassem as diferenças com que começam a partida.

Não vou repetir o que o Israel disse, mas é sabido que alunos que vêm de famílias com menos recursos têm mais dificuldades em entrar no ensino superior.

Por várias razões, nomeadamente, o facto dos exames nacionais premiarem quem tem dinheiro para pagar explicações.

E isso logo aí gera um fosso muito grande entre quem pode e quem não pode, para não falar de todas as outras componentes sociais que têm influência como o ambiente familiar, as condições em que vivem, o número de pessoas em casa, o número de refeições que podem fazer, todas essas, tudo isso e bastantes mais coisas influenciam o desempenho escolar de um aluno e os exames nacionais são uma forma de avaliação que não é justa para toda a gente.

Por outro lado, acho, volto a dizer que acho importante que estas cotas existam, mas que não substituam um investimento sério e corajoso na Escola Pública e uma bolsa de propinas não será suficiente para que todos os alunos mais desfavorecidos possam aceder à universidade.

Há questões de alimentação, alimentação está cada vez mais cara, os transportes públicos.

Lisboa tem, por exemplo, Lisboa tem transportes públicos para jovens até aos 23, gratuitos para jovens até aos 23 anos, mas para alunos deslocados não, tem que ter a morada fiscal em Lisboa.

E isso logo aí corta uma data...

Mas vai mudar com novo orçamento do Estado, tendo que os alunos, os estudantes com 23 anos ou com menos de 23 anos vão ter passos gratuitos.

E bem, e bem, essa é uma medida bastante necessária.

A outra questão, e a última que eu vou referir, é a falta de residências estudantistas e o flagelo que a crise da habitação faz ao impedir que pessoas que entraram em universidades em localidades que não a sua, como Lisboa ou Porto ou até Braga, que não possam frequentar a universidade porque não têm dinheiro para viver perto dela e porque a deslocação diária é insuportável.

Israel, este regime de cotas faz sentido desde logo no ensino superior, se foram 2% penso ele de todos.

Sim, sim, foram 2% e eu creio que cerca de 1.200 vagas, como disseste, foram aceites prontamente por todas as universidades e politécnicos.

Eu acho que o caminho passa também por aqui, sim.

Eu dou exemplo de Singapura, o líder de Singapura desde a década de 100 até 90, ali quando eu era um líder político assim um pouco fora da caixa.

Uma das medidas que ele fez foi, por exemplo, aumentar o salário dos políticos porque ele acreditava que aumentando o salário dos políticos iria diminuir a corrupção.

E no ano passado, há algumas décadas, Singapura é o país menos corrupto de Ásia.

E outra das medidas que ele fez, um pouco também devido ao contexto histórico do país, porque teve a sua independência da Malásia, portanto é um país muito multicultural com

peças da Malásia, chineses e indianos, e ele tentava encarar essa multiculturalidade como uma riqueza e uma razão de progresso para o próprio país.

E então, uma das medidas que ele fez foi as cotas parlamentares, para o Parlamento ser representado proporcionalmente e reflectindo também a sociedade do país.

E outra das grandes medidas que ele fez foi cotas habitacionais, ou seja, em cada bairro ele se estabelecia cotas para que existisse uma proporcionalidade desse bairro e que esse bairro fosse no fundo um micro reflexo da sociedade no geral, que é para não existir problemas como existe, por exemplo, em Londres em que nós falamos de sociedades e de cidades multiculturais e são, são multiculturais, mas não são interculturais porque, porque em Londres nós temos o espaço dos chineses, pois temos o espaço dos indianos e um pouco aquilo que já está a acontecer também aqui em Lisboa.

E, portanto, quando nós analisamos um indicador que reflecte também as igualdades que existem, que é a esperança média de vida, em Londres, por exemplo, a diferença de esperança média de vida é superior a 20 anos dependendo da região que nós estamos a estudar.

E isso, estamos, estou a falar da agitação, não é?

E acho que esse tipo de medidas também seriam importantes para acabar com esta segregação espacial que afecta estes grupos.

E portanto, sim, acho que as quotas são importantes e as próprias bolsas de estudo.

E o bolsas de estudo, não apenas no ensino superior, primeiro, aumentar o limiar, porque como a Maria disse e muito bem, muitos alunos ficam de fora e que não têm capacidade para pensar no ensino superior, tenho muitos amigos que acabaram por ir trabalhar durante um ano para juntar a nepe, depois ir na universidade, mas também essas bolsas muitas vezes comecem até a um pouco mais cheia, na vez do ensino superior para grupos mais vulneráveis, poderem começar a mais cheia.

E, portanto, nós falamos de importância dos apoios sociais, porque, por exemplo, falam sobre muitas comunidades gigantes e aqueles chavões que são subsídios dependentes. Nós fomos analisar o caso, primeiro, o rendimento social de inserção foi uma das principais políticas públicas que Portugal desenvolveu nas últimas décadas, porque desenvolveu bastante toda a população, nomeadamente, os grupos mais vulneráveis e permitiu que a economia do país também se desenvolvesse.

E, se nós virmos apenas 1% do orçamento da Segurança Social é que vai para o rendimento social de inserção, que são cerca de 300 milhões, tendo em conta que apenas 4% das pessoas que recebem o RSI é da comunidade cigana, nós chegamos a um valor que ronda os 12 milhões.

E, às vezes, fica um pouco estúpido facto como é que certas pessoas de certas alas, nomeadamente mais à direita, comecem a dizer que o problema do país é por causa das comunidades ciganas que contamos a falar de 12 milhões, onde investimos 3 mil milhões na TAP, 5 mil milhões no novo banco, e depois são estes 12 milhões que são o caso do país estar na miséria.

E, às vezes, é importante nós analisarmos estes 6 exemplos.

E só para dar mais um exemplo, se nós analisarmos as pessoas que recebem o RSI, são cerca de 200 mil em Portugal, um terço destas são jovens.

Se este apoio contribuir para estes jovens, entrar para a faculdade e tirar uma licenciatura, eu fiz um análise simples.

O rendimento médio de um licenciado em Portugal anda por volta dos 2.400 euros brutos, que

anda por volta dos 1.500 euros líquidos, mas destes 1.500 líquidos que ele recebe, ele vai dar 1.500 euros ao Estado.

Numa carreira de 40 anos, que é o que a maioria das pessoas acaba por fazer até se reformarem, este jovem vai acabar por contrabio para o Estado só em salário, fora as despesas que vai gastar, cerca de 1 milhão de euros na sua vida.

Portanto, destes 70 mil jovens, se o governo colocar apenas 300 jovens por ano no ensino superior, é o suficiente para cometer estes 300 milhão que gastam anualmente no rendimento social de inserção.

E nós, se nós comparamos estes 300 com os 70 mil, são apenas 0,4%.

E, portanto, existe muito mais margem.

E a mensagem que eu queria deixar aqui é que estes apoios sociais não são uma despesa do Estado, mas sim um investimento, um investimento a longo prazo, não para uns, mas para todos nós, porque todos nós temos a ganhar.

Passando de investimento, falamos de mensagens também, isto porque os jovens nos últimos tempos têm ido para as ruas cada vez mais, desde logo por causa da habitação, como já falámos aqui.

Há protestos também pelos ativistas pelo clima quase todos os dias, ainda na sexta-feira atingiram com tinta verde o Ministro das Finanças, Fernanda Nundina, o que te pergunto Maria Escaja, é se o Governo está a olhar de outra forma para aquilo que dizem os jovens? Eu diria que não, se me perguntas assim de repente, não me parece.

Nada está a mudar.

Eu acho que não, daí continuarem a ser necessários os protestos e a ver cada vez mais jovens amobilizarem-se e aliarem-se, tanto à luta do clima como à luta da habitação.

E eu já aqui disse que atirar tinta a Ministros não me parece uma forma eficaz de reivindicar a mudança estrutural em relação à emergência climática, mas quando vemos estas manifestações, tantas do clima como as da habitação e outras como as da vida justa que irá acontecer este sábado, vemos muitos e muitos jovens que precisam e que querem que o Governo oiça e que tomem medidas que realmente melhorem as suas perspectivas de futuro e não apenas pequenos pensos rápidos, como o que falávamos ali em cima, porque estruturalmente não há alterações e é isso que é necessário, é necessário haver um Governo corajoso, que não me parece que seja o de António Costa, mas que haja um Governo corajoso capaz de tomar medidas sérias e de ouvir as reivindicações do jovem e de não ser paternalista com eles ou conosco.

Eu cada vez mais me sinto envergonhada de me incluírem jovens com 30 anos, mas acho que ainda com a crise da habitação ainda são.

Portanto, eu acho que é preciso, é mesmo preciso acabar também com essa condescendência com que se ouve os jovens, coitadinhos ainda não sabem nada, são jovens, são maduros, não tem nada na cabeça.

Quando dizem os ativistas do clima, isto aqui e lhe dizem, ah, eles nunca leram um livro, não é verdade, não é verdade, não é verdade que quem está nestes movimentos não saiba nada e acho que é preciso ouvi-los.

Desde logo tu, Israel Paródia, faz parte do grupo de reflexão sobre o futuro, o futuro já começou, penso que é assim que se chama, que é da Presidência da República.

Pergunte-se, é importante, lá está que estes atores políticos, desde logo o Presidente

da República, se chama um grupo de jovens para os ouvir?

Sim, claro que sim.

Contextualizar um pouco a este grupo, portanto este é o segundo grupo do Sr. Presidente da República, que ele reúne, o primeiro grupo rondava idades entre os 30 e 45 anos, mais ou menos, e este segundo grupo que começou relativamente há pouco tempo, rondava idades entre os 22 até aos 30 e poucos anos, portanto é um grupo relativamente jovem.

Em Deus Vos Jovem.

Exatamente, aqui a Maria ainda é sincero.

Mas você é o Sr. Marcelo, não é?

Não, Deus me liga, não tenho tempo.

Portanto, eu queria aqui deixar esta mensagem que é que a própria sociedade civil também se inspire no exemplo que o nosso Presidente da República está a dar à sociedade, que é ouvir os jovens, e de facto é uma pena que este seja o último episódio de um programa tão bom e que reneou aqui vários jovens e que mostrou que de facto os jovens não são só aquelas pessoas que passam a ver na Netflix e a jogar videogames e que de facto leem, ou até lá nas redes sociais exatamente, e de facto dão opiniões, opiniões informadas e que têm muito a contribuir para o futuro da sociedade.

Espero que a sociedade civil e a própria comunicação social também se inspire no exemplo do nosso Presidente da República que houve os jovens e não é só ouvir, porque ele também faz muita coisa e é importante que isso seja dito.

No fundo, o Sr. Marcelo está só a copiar ideias de Francisco Nascimento.

Exatamente, exatamente.

Era bom, mas não.

Vamos então falar sobre a guerra no Médio Oriente, isto porque as tropas israelitas continuam a cercar a faixa de Gaza, no que algo que tudo indica será uma invasão terrestre ao território, isto depois do ataque do Amash da semana passada.

Maria Escaja, o que Israel se prepara para fazer na faixa de Gaza são crimes de guerra?

O que Israel já está a fazer na faixa de Gaza?

É uma israel paródia.

Exato.

Exato.

Exato, de se lembrar.

Não é simpático Israel que temos aqui, que é exatamente o oposto.

Este está de Israel que estamos a falar, neste caso está a matar as pessoas, o nosso

Israel paródia salva pessoas.

É o Israel bom.

Israel já está a cometer crimes de guerra na faixa de Gaza porque está a privar mais dois milhões de pessoas, de água, de luz, de medicamentos e só isso já são crimes de guerra juntando bombas de fósforo branco, de fósforo branco em zonas de muita densidade populacional e o que acontece é que se prepara para aumentar a violência do que já está a acontecer.

Nenhum bom exemplo disso é as imagens de hoje, sexta-feira, do António Coterres na fronteira de Rafa às portas de Gaza com uma data de camiões que tinham ajudas de medicamentos, mantimentos, etc. e as portas fechadas, mais de dois milhões de pessoas lá dentro, sem

excesso a uma data de cuidados básicos e camiões à porta sem poderem entrar para distribuir esses bens de primeira necessidade e eu acho que isso é um bom retrato do que se passa e não só o que se passa agora, do que se tem passado, que se passa há muito tempo com o confinamento que Israel faz da faixa de Gaza há muitos anos, só deixar aqui uma ressalva que não estou com isto a defender o ataque terrorista do Hamas, acho que isso tem que ficar bem claro, mas também não posso, e apesar de ter perfeita consciência que não é uma forma legítima de resistência, um ataque tão bárbaro, também não posso deixar de condenar Israel por tudo o que tem feito e por todas as... o não cumprimento de resoluções das Nações Unidas e de direitos humanos básicos que levaram a que um povo se radicalizasse ao ponto de acontecer uma tragédia destas e só vai piorar. Neste ponto tenho de fazer esta pergunta, falaste aí num ataque terrorista por parte do Hamas, pergunte-se o Bloco de Esquerda, deveria ter condenado esse ataque de forma mais aviamento desde a primeira hora? Houve uma grande polémica à volta desse assunto? Vou-te dizer o que é que eu acho sobre a primeira hora, eu acho que ninguém deve abrir a boca na primeira hora neste tópico, porque só esta semana já houve vários exemplos de pessoas embandararem em Árcora, condenarem um lado ao outro sem verificarem sequer que as fontes que estavam a ler eram fidedignas e que a informação que estava a ser transmitida era verdadeira. Eu acho que é preciso muito cuidado neste caso específico com a resposta rápida, é uma situação muito, muito, muito complexa. Exige compreender isto, existe compreender um contexto histórico com muitos anos e portanto eu acho que o Bloco de Esquerda terá tida a sensatez de perceber primeiro o que estava a acontecer, mas se quiserem, aqui referindo outro órgão de comunicação social, mas se quiserem ter certeza que o Bloco condena e que se refere ao ataque do Hamas como um ataque terrorista, basta verem que a Trinidad Martins no linhas vermelhas na segunda-feira, que usou essa palavra mais do que uma vez. Israel Paró de António Costa já acusou Israel de violar a lei na faixa de Gaza desde logo com aquilo que falava há pouco a Maria Escaja, embora admita o primeiro ministro que Israel tem, tem de se defender deste ataque do Hamas.

Sim, o direito inicial de Israel se defender acho que é extremamente legítimo e acho que devemos todos condenar o ataque do Hamas, e como a Maria estava a dizer, isto é uma guerra que é muito complexa e que já vendia há muitos anos atrás, e para o meu ponto é necessário não começar logo a criticar e pego um pouco no exemplo do ataque que houve do hospital em que Hamas condenou logo e disse que foi Israel que bombiou o hospital e depois o Israel disse que foi o Hamas, e no fundo agora uma série de análises independentes muito espelhistas.

Vocês dizem que foi o Hamas.

Ah, olha, os Estados Unidos agora iam não defender Israel também.

Estados Unidos acabou por dizer que sim, mas uma série de análises independentes que estão a acontecer, as espelhistas não conseguem precisar, outros dizem que foram uns, outros dizem que foram outros, e é extremamente importante nós termos essa cautela, mas no fundo o que nós estamos aqui a assistir e que temos vindo a assistir é, como em todas as guerras, é um conflito de interesses entre um meio e de pessoas, entre um pequeno grupo de pessoas, onde quem paga por todas as consequências é a maioria da população, e são civis que não têm nada a ver com essas guerras e com esse interesse e com esses egos que estão à mistura.

E depois esta guerra ainda ganha outras proporções, porque estar numa religião que tem tido conflitos

há muito tempo, estar numa religião estratégica, e daí também a aliança dos Estados Unidos com Israel, porque Israel é muito importante para os Estados Unidos em termos geopolíticos. Isto recua tudo à Primeira Guerra Mundial, quando houve a derrota do Império Automânico e houve a divisão daquele território por parte de França e do Império Britânico, e depois foram fronteiras tal como a aconteceu em África, foram fronteiras que foram quase feitas a régua e esquadro, e obviamente que tudo isso, pois este é um impacto que nós ainda vemos atualmente nos dias dois com os conflitos que ainda continuam a existir.

E depois também toca na religião, nós temos o judaísmo versus o islamismo da maior parte dos países do Médio Oriente, depois dentro dos próprios países da Árabe existem conflitos e posições de poder, por exemplo, em todo o próprio Irão, que se diz que apoia o Amaz e o próprio Esbolá, que é outro grupo terrorista libanês, existe esta oposição também com a própria Árabe Saudita, porque são xítas, outros são sonitas, isso é uma guerra muito complexa e que envolve muitos agentes.

E há regiões que podem praticamente ser obrigadas a entrar na guerra, você pode destornar uma guerra quase regional, há esse perigo, caso Israel entre pela fecha de gaja.

Não tu, tu não?

Sim, eu estava em Israel.

Sim, obviamente existe aqui muita coisa em jogo, e lá já tem uma das teorias, é que por exemplo, este ataque foi agora, porque a Árabe Saudita estava, iria fazer um acordo com Israel, e portanto, para o Irão até é bom que existe esta guerra agora e este enfraquecimento de Israel, porque se a Árabe Saudita aceitasse esse acordo, seria como se tivesse a legitimar na existência do Estado palestiniano.

E portanto, é aqui um jogo de xadrez, um jogo de xadrez internacional, que é muito interessante em termos de análise política, mas que depois é chocante e é assustador, e é desumano, é verdadeiramente desumano todas as imagens que nós estimos diariamente, e muito mais que não nos é passado, e de facto é lamentável que utilizem a religião, a política ou qualquer interesse para justificar a morte de sequer de uma pessoa, quanto mais de milhares e milhares de pessoas.

Não entendo, faço-te a mesma pergunta que fiz há pouco com a Maria Escaja, cai em Portugal, a esquerda exitou na condenação ao ataque do Amaz, isso na tua opinião.

Eu não posso falar nem na esquerda e na direita, eu acho que há pessoas sim que muitas vezes colocam estas prioridades políticas à frente de vidas humanas e por isso é que hoje em dia nós assistimos, não há uma mas há várias guerras no mundo todo, e acho que é importante mudarmos um pouco este pensamento, e é frustrante para as vítimas mas também é frustrante para nós, que assistimos a isto de fora e achamos que somos impotentes para fazer alguma coisa.

Mas eu queria também deixar esta mensagem que é, nós todos somos a gente de mudança porque, e pego um pouco no exemplo dos Estados Unidos, obviamente que existe uma ligação e o porquê desta aliança também para além de interesse ou a política no território de Israel, o próprio povo americano apoia Israel porque revê sem parte porque os judeus na altura também acabaram por se reforçar no território que não era deles e acabaram por fazer um território progressista, extremamente liberal, tal como os Estados Unidos, tal como

aconteceu nos Estados Unidos, mas um facto interessante é que as gerações mais jovens dos Estados Unidos da América acabam por não apoiar tanto Israel, isso a curto prazo não acaba por não fazer diferença mas é longo prazo daqui a uns anos e isso vai fazer diferença na tomada da posição do governo dos Estados Unidos, e isto é importante que é para as pessoas perceberem, nós não somos meros espectadores mas podemos fazer toda a diferença porque os políticos são meros seguidores de todos nós e portanto o nosso ativismo, a nossa opinião faz toda a diferença e a média e o longo prazo pode fazer a diferença nas elites que nos governam no fundo e que têm um poder brutal para fazer a mudança.

Maria Escaja, só para fechar.

Para fechar e isto não tem nada a ver com o Médio Oriente, queria agradecer a oportunidade de participar neste programa, quero agradecer a todas as pessoas com quem debatei e aos dois com quem não tive a oportunidade de o fazer e um grupo que nunca mostrou menos que respeito e solidariedade uns com os outros, queria também agradecer aos técnicos que tornaram possível que estes nossos finais de tarde e sexta-feira fossem...

Gravação à sexta-feira mas depois...

Depois passa sim mas os nossos finais de tarde e sexta-feira fossem tão tranquilos e um agradecimento especial ao Francisco por ter tido esta ideia, por me ter convidado e estou a falar a ti como se não tivesse tido aqui já visto e por ter permitido um espaço onde pudermos expressar livremente todas as nossas visões e opiniões sobre vários assuntos e foi um grande privilégio fazer parte deste programa.

Obrigada, Fred.

Subscreve totalmente as palavras da Maria e acho que os dois falamos em nome de todo o grupo...

Não confirmamos mas acho que as pessoas vão acordar com nós.

Falamos em nome de todo o grupo que infelizmente não poderão estar aqui presentes no último episódio e deixar esta nota de agradecimento ao Francisco que ele é que idealizou mais uma vez um jovem, um jovem, um jornalista brilhante, extremamente dicado e que tivesse esta ideia brilhante de juntar as jovens para debater sobre os assuntos da atualidade e que era desde já agradecer o convite e me obrigado por tudo aquilo que tens feito, Francisco. Está assim concluído o 16º e último episódio do Menor e Aptoluta, resta-me também agradecer aos novos jovens que fizeram esta viagem, ao André Abréu, a Bianca Castro, o Daniel Ferreira, a Francesca Figueiredo, a Guadalupe Amaro, Israel Paródia, João Maria Jorné, Maria Miguel Simões, Maria Escaja, todos com muita vontade de refletir sobre o país e o mundo, uma vontade que continua intacta e eles vão andar por aí.

Este episódio e todos os outros estão disponíveis, em TSF.pt e nas plataformas habituais do podcast. O trabalho técnico de hoje foi do João Félix Pereira.

Legendas pela comunidade de Amara.org